

Para a história do Modernismo brasileiro

A «DIVISÃO» DOS ANDRADES (MÁRIO, OSWALD E CARLOS DRUMMOND)

por Arnaldo Saraiva

Apesar de se pretender francamente polémica e «modernista», a *Revista de Antropofagia* estava «aberta a todas as oposições». Logo no primeiro número, as suas oito páginas acolhiam colaboração de escritores de diversos pontos do Brasil, e até de várias tendências literárias e ideológicas: Mário de Andrade, Augusto Meyer, Abguar Bastos, Guilherme de Almeida, Plínio Salgado (com um artigo sobre a «língua tupi», a cujo estudo se dedicara), Álvaro Moreyra, etc. É a partir do segundo número que começa a aparecer a colaboração dos escritores mineiros: Rosário Fusco, Marques Rebelo (este com um poema), Fidelis Florêncio e Carlos Drummond. Esse mesmo número anunciava a publicação para breve («está no prelo») da abortada *Antologia de 4 Poetas Mineiros*, e lançava um «S.O.S.» em que pedia «aos novos do Brasil» mandassem «urgente prosa salvadora», pois tinha para publicar «nada mais nada menos do que 37 poesias» e não possuía «um único trechinho em prosa».

Todavia, Drummond colaborava nesse segundo número com um texto em prosa, quase um contarelô, quase uma crónica: «Porque amamos os nossos filhos». Mas já no terceiro número colaborou com um poema — e que poema!: «No meio do caminho», que apareceu estampado na primeira página e viria a ser não só o mais comentado poema da *Revista de Antropofagia*, mas também o mais polémico de todos os poemas modernistas, de que já falámos demoradamente¹.

¹ Na «introdução» ao livro *Uma Pedra no Meio do Caminho*, Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1967.

Sem fazer força para isso (e não deixa de ser curioso notar que aquele poema data de fins de 1924 ou inícios de 1925), Drummond servia da melhor maneira os intuitos do grupo comandado por Oswald de Andrade, lançando a todo o Brasil um desafio que o era menos de palavras do que por falta de palavras. Efectivamente, Drummond já não (se) propunha qualquer programa poético revolucionário: propunha uma poesia revolucionária em si mesma, ou que em si mesma continha um implícito programa revolucionário. Não admira, pois, que Oswald de Andrade buscasse o apoio precioso de Drummond quando se viu mais só, e quando pretendia partir para nova arrancada. Esquecera, porém, que faltava a Drummond o gosto da exibição que lhe sobrava a ele; ou não contara que o poeta mineiro fosse tão escrupuloso nas suas amizades que por causa delas desprezasse certas atitudes literárias.

O facto é que, talvez em Março de 1929, Oswald escrevia a Drummond. A *Revista de Antropofagia* — em que este, aliás, não voltara a colaborar — deixara de publicar-se depois do número 10 (Fevereiro de 1929). Tinham surgido alguns mal-entendidos entre António Alcântara Machado e Oswald de Andrade, mal-entendidos dos quais também não escapava Mário de Andrade, cujas relações com Oswald haviam esfriado. Combativo, polémico, temperamental e agressivo, Oswald parecia inconformado com a orientação simplesmente humorística que Alcântara Machado havia dado à *Revista de Antropofagia*. Por isso, apressou o seu fim, e substituiu-a a partir de Março por uma página no *Diário de S. Paulo*, cedida por Rubens do Amaral. Mas os colaboradores não eram muitos, e desses nem todos eram talentosos. Eis porque Oswald, com a sua reconhecida esperteza, se apressou a solicitar a companhia de Drummond e de outros escritores mineiros:

Não houve transformação e sim ortodoxia. O Alcântara não entendeu o sentido do movimento, pensou que era troça e durante meses publicou inutilidades amenas. Evidentemente errei em tê-lo convidado para dirigir a revista. Agora a coisa é outra. Estão à frente Raul Bopp e Oswaldo Costa, cunhambes autênticos e leais. Mandem coisas. E diga aos cataguases que com eles contamos¹.

A resposta de Drummond deve ter tardado, porque um dos números da nova revista incluía uma pergunta inquieta — «os rapazes de Minas precisam se decidir. Será que literatura é questão de amizade?»² — mas acabou por chegar, implacável. E Oswald não teve pejo de a estampar na sua página; talvez pensasse que essa carta servia também o tom provocante da *Revista de Antropofagia* da «segunda dentição» (como ele lhe chamava). O que era preciso era fazer barulho, agitar; e o resto seria... literatura.

¹ Citado por Drummond em 1954, numa das suas conversas radiofónicas com Lya Cavalcanti, no Rádio Ministério da Educação do Rio de Janeiro.

² *Idem*. Há uma pequena variante na frase tal como Drummond a refere, decerto de memória, na carta-resposta transcrita mais adiante.

Fosse que não fosse, a verdade é que, na sua edição de 19 de Junho de 1929, o *Diário de S. Paulo* publicava o seguinte texto:

CARTAS NA MESA

*Os Andrades
se dividem*

(O NOSSO COLABORADOR OSWALD DE ANDRADE RECEBEU DO SR. CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE A SEGUINTE CARTA, DESADERINDO):

Estou ciente do que V. me conta na sua carta sobre a *Revista de Antropofagia*. Também estou ciente da revista, que leio sempre no *Diário de S. Paulo* (a propósito: obrigado pela remessa do jornal, que só posso atribuir a v.). Agora o que me recuso a tomar conhecimento é da antropofagia em si. Não posso acreditar num movimento que conta com a adesão de Álvaro Moreyra e que ainda não jantou o Benjamim Péret. O primeiro por ser o mimoso escritor do *Para Todos* que nós bem conhecemos. E o segundo por ser supra-realista e francês. Ora, por muito menos o índio jantava um portuga.

A antropofagia não é pois um movimento decente. Nem é uma blague. Sinto muito mas não posso aderir.

Num dos últimos números da revista v. escreve que os meninos de Minas precisam se decidir, literatura será questão de amizade? etc., etc. Para mim toda a literatura não vale uma boa amizade. Mas aqui não se trata de amizade, é pura literatura. Quando apareceu a 1.^a denticção da revista eu já implicara com o título e lembro-me de ter escrito a respeito a alguém daí. E só me senti à vontade para colaborar nela quando verifiquei que o título não tinha nada com a direcção liberal que davam à revista.

Não posso mais colaborar na descida antropofágica. Não participo do estado de espírito índio e considero académicas as discussões sobre os jesuítas.

Quanto aos outros «meninos» de Minas, cada um decidirá por si. O João Alphonsus concorda comigo e o João Dornas fundou o criolismo, cujo órgão oficial sairá no dia 13 deste.

Exactamente um mês depois da publicação desta carta, a *Revista de Antropofagia* referia-se a uma carta de Ascenso Ferreira, em que este poeta dava a sua solidariedade aos antropófagos, recusando-se porém a aceitar alguns dos seus postulados, e sobretudo os ataques feitos por Oswaldo Costa a *Macunaíma* de Mário de Andrade, que ele considerava «um maravilhoso sonho de mil e uma noites do Brasil». Com a costumada arrogância e desenvoltura de linguagem, Oswaldo Costa respondia:

A sua carta não tem razão de ser, Ascenso; é uma carta de sentimento, coisa para além da antropofagia e que eu desconheço, graças a Freud, a Jesus de Pirapora e a Exu. Nesse ponto você se põe de acordo com esse cretino do Drummond, para quem «toda a literatura não vale uma boa amizade»...[...] Para mim toda a obra de Mário não vale o Inácio da Catingueira ¹.

¹ «Carta do poeta de Catimbó. Resposta a Ascenso Ferreira», *Diário de S. Paulo*, 19/III/29.

A frase de Drummond era intencional, e Oswald Costa entendera-a sem dificuldade. Com efeito, a atitude assumida pelo Poeta itabirano contra a *Revista de Antropofagia* (segunda dentição) só se explica integralmente à luz da amizade que ele votava ao autor de *Macunaíma*, que vinha sendo alvo dos ataques dos novos antropófagos. Mário solidarizara-se com Antônio Alcântara Machado na altura da cisão, mas as suas dissidências com o grupo de Oswald já vinham de longe. Numa carta a Tristão de Athayde, melhor, a Alceu Amoroso Lima (como o seu autor preferia), escrita pouco tempo depois do manifesto de Oswald, dizia Mário de Andrade:

Quanto ao manifesto do Oswald... acho... nem posso falar que acho horrível porque não entendo bem. Isso, como já falei pra ele mesmo, posso falar em carta sem que fique cheirando intriga nem manejo. Os pedaços que entendo em geral não concordo. Tivemos uma noite inteirinha de discussão quando ele inda estava aqui ¹.

Meses mais tarde, quando a cisão já estava consumada, Mário de Andrade desabafava noutra carta, esta a Manuel Bandeira:

Os Antropófagos mesmo falaram que têm a Agência Brasileira na mão e se servirão dela pra nos desmascarar. Não sei se já se serviram, sei que de toda a parte me chegam cartas perguntando o que sucedeu. Vou dizer que não sei e que não me tratem nunca mais do assunto ².

A «segunda dentição» da *Revista de Antropofagia* também não foi longe: acabava poucas semanas depois da publicação da carta de Drummond. Alguns dos seus prosélitos apressaram-se a estender de novo a mão a Mário de Andrade e um deles foi Jayme Adour da Câmara, que da Finlândia, para onde partira entretanto, escreveu a Mário uma carta, à qual este começou por responder:

Foi de certo modo uma dessas reviravoltas de expansão humana, tão tristes de pensar sobre, que nos deixou de repente tão inatingíveis um pro outro que você partiu e não fui pessoalmente lhe desejar boa-viagem. Mas acredite que fiquei dentro de mim, muito enjoado, muito enjoado deste mundo social, olhando um vazio em frente e imaginando em que os homens se quisessem podiam ser bem mais felizes ³.

No entanto, Oswald (que mais tarde viria a fazer as pazes com Drummond: «Oswald sempre foi um menino grande, mais necessitado de carinho do que ele mesmo supunha» ⁴) nunca perdoou a Mário a falta de apoio

¹ 71 *Cartas de Mário de Andrade*, Rio de Janeiro, Livraria S. José, s/d, p. 29.

² *Cartas a Manuel Bandeira*, Rio de Janeiro, Organização Simões, 1958, p. 219.

³ 71 *Cartas de Mário de Andrade*, p. 115.

⁴ Drummond, noutra das já referidas conversas radiofónicas.

à sua causa. Numa entrevista que concedeu a *O Jornal*, no ano de 1929, e em que também dirigiu alguns ataques a Tristão de Athayde, Augusto Frederico Schmidt e Jackson de Figueiredo, Oswald referiu-se a Mário de Andrade em termos francamente agressivos:

Como se o sr. Mário de Andrade, antes, durante e depois da amizade que teve por mim, não fosse acima de tudo um cínico. Quanto a mim o que sempre me impressionou no Mário foi o barítono ¹.

E em 1942 ainda insistia: «Acredito que o sr. Mário de Andrade se penitencie, hoje, de ter dado o seu prestígio à corrente dos salões» [da «burguesia paulista»] que «o milionarismo displicente de António Alcântara Machado encarnou». Fora a esta corrente que ele, Oswald, se opusera, em 1928, e, com ele, Raul Bopp e «alguns crédulos das forças nativistas» ².

¹ *O Jornal*, Rio, 1/IX/29.

² Depoimentos para *Dom Casmurro*, 28/XI/42.

Revista de Antropofagia

Direção de ANTÔNIO DE ALCANTARA MACHADO

Gerencia etc. de RAUL BOPP

Endereço: 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.º Pav. Sala 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.269 — SÃO PAULO

CARNIÇA

Numa conferência há pouco realizada na Faculdade de Direito de São Paulo Baptista Pereira esguichou um pouco de Cruzwaldina na epidemia positivista que assolou e ainda hoje assola este país condoreiro. Pode parecer bobagem a gente ainda se preocupar com tal cousa. Pode parecer só: porque não é. Ninguém está claro vai se dar ao trabalho de combater o positivismo hoje em dia. Mas é preciso de uma vez por todas liquidar com esse cadáver que enterrado desde muito na Europa foi exumado por meia dúzia de fivelas e trazido para o Brasil onde continua empestando o ambiente.

Quasi todas as tolices iniciais da República a gente deve aos austeros namorados póstumos de dona Clotilde. Assim como entre nós sujeito mal cheiroso é para todos os efeitos filósofo bastava alguém fazer parte da igrejainha Ordem e Progresso para ser considerado logo sábio, gênio, armazem de virtudes, torre de honestidade.

Não digo que se coma semelhante carne. E' cousa que já a cozinha refugou, o cachorro não quiz, os corvos não aceitaram protestando virar vegetarianos caso insistissem. Também deixar na dispensa envenenando as varejeiras não é possível.

Dai o melhor é pôr a carniça num tanque de creolina e recambia-la para a Europa. Com este bilhete: **Preferimos sardinha.** Que marca vocês querem? Amieux, Philippe & Canaud ou aquela de saudosa memória d. Pedro Fernandes inexplicavelmente desaparecida do mercado desde 1556?

ANTÔNIO DE ALCANTARA MACHADO

NO MEIO DO CAMINHO

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

(BELO-HORIZONTE)

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

“A BARBÁRIE DURA SÉCULOS. PARECE
QUE SEJA ELA O NOSSO ELEMENTO: A
RAZÃO E O BOM-GÔSTO NÃO FAZEM
SENÃO PASSAR”

D'ALEMBERT - Discurso preliminar da **ENCICLOPÉDIA**

SARAIVA, Arnaldo

"Para a história do modernismo brasileiro. A "divisão" dos Andrades (Mário, Oswald e Carlos Drummond)" / Arnaldo Saraiva. In: *Revista Colóquio/Letras*. n.º 5, Jan. 1972, p. 24-29.